

Maria Margarida Saco – Manuel Gomes Quintãos

CULTIVEMOS A PAZ

Folhas Temáticas e de Actividades sobre a Paz
para Educadores e Animadores

Pax Christi – Secção Portuguesa
Lisboa – 2003

Cultivando a Paz...

É porque acreditamos que a paz é possível, *que nós existimos*.

É porque sabemos que sem sentido de justiça, sem vontade de dialogar e sem respeito pela dignidade das pessoas a paz não acontece, *que nós trabalhamos*.

É porque temos consciência de que muito há a fazer, que nos associamos às celebrações da *Década Internacional da Promoção de uma Cultura de Paz e Não Violência para Bem das Crianças do Mundo* (2001-2010), proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, desenvolvendo todos os esforços para transformar a cultura de violência numa cultura de paz.

Assim surgiram estas folhas temáticas e de actividades a que, na senda da celebração do *Ano Internacional da Cultura de Paz* (2000), apelidámos de "**Cultivemos a Paz**". Foi seu objectivo proporcionar, mensalmente, algum material de reflexão e sugestões de actividades simples que pudessem ser realizadas em grupo, a todos quantos pretendam trabalhar para a construção da paz, nomeadamente educadores e animadores.

Ao longo de 12 meses fomos fazendo sair, mais ou menos regularmente, 12 temas

para reflexão inspirados nas oito esferas de acção apontadas pela *Declaração e Programa de Acção sobre uma Cultura de Paz* das Nações Unidas (resolução A/53/243, de 13 de Setembro de 1999):

- Cultura de paz através da educação;
- Desenvolvimento económico e social sustentável;
- Respeito por todos os direitos humanos;
- Igualdade entre homem e mulher;
- Participação democrática;
- Compreensão, tolerância e solidariedade;
- Comunicação participativa e livre circulação de informação e conhecimentos;
- Paz e segurança internacionais.

Eis agora todo esse material reunido numa única publicação!

Porque a paz está nas nossas mãos; porque ela é a nossa utopia de referência; porque é necessário "cultivá-la" diariamente, eis o nosso contributo para que a cultura de paz e não-violência passe a ser parte integrante da cultura de todos!

PAX CHRISTI – SECÇÃO PORTUGUESA

ÍNDICE TEMÁTICO

- 1. PAZ**
- 2. NÃO-VIOLÊNCIA**
- 3. RESPEITO POR TODOS OS DIREITOS HUMANOS**
- 4. RESPEITO PELA DIVERSIDADE CULTURAL**
- 5. PROMOÇÃO DA DEMOCRACIA**
- 6. JUSTIÇA**
- 7. LIBERDADE**
- 8. TOLERÂNCIA**
- 9. DIÁLOGO**
- 10. RECONCILIAÇÃO**
- 11. SOLIDARIEDADE**
- 12. DESENVOLVIMENTO**

Folha Temática N.º 1

PAZ

Em tempo de guerra,
as pessoas são capazes
de renunciar a tudo,
estão dispostas
a qualquer sacrifício,
aceitam pesados impostos.
Dão o seu dinheiro e a vida.
Passam fome,
sofrem penúria.
Resultado:
milhões de pessoas assassinadas,
milhares de aldeias e cidades
destruídas.

**Porquê a guerra
dá ao homem
tanta energia e
capacidade de resistência,
e a paz
não consegue
fazê-lo renunciar a nada?**

PHIL BOSMANS
Bondade. Porto: Ed. Perpétuo Socorro, p. 82

Com a guerra, quem perde é a humanidade

No século que deixámos para trás, a humanidade foi duramente provada por uma sequência infinda e horrenda de guerras, conflitos, genocídios, «limpezas étnicas», que causaram sofrimentos indescritíveis: milhões e milhões de vítimas, famílias e países destruídos, vagas de refugiados, miséria, fome, doenças, subdesenvolvimento, enorme perda de recursos. Na raiz de tanto sofrimento, está uma lógica de prepotência, alimentada pelo desejo de dominar e explorar os outros, por ideologias de poder ou utopia totalitária, por nacionalismos insensatos ou antigos ódios tribais. Às vezes foi necessário opor resistência armada à violência brutal e sistemática que mirava inclusive ao extermínio total ou à sujeição de povos e regiões inteiras.

O século XX deixa-nos em herança sobretudo uma advertência: *as guerras são frequentemente causa de outras guerras*, porque alimentam ódios profundos, criam situações de injustiça e espezinham a dignidade e os direitos das pessoas. Em geral, não resolvem os problemas que as motivaram; e, por isso, além de terrivelmente devastadoras, são também inúteis. *Com a guerra, quem perde é a humanidade*. Só na paz e com a paz é que se pode garantir o respeito da dignidade da pessoa humana e dos seus direitos inalienáveis.

JOÃO PAULO II
«Paz na terra aos homens, que Deus ama!». Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz - 1º de Janeiro de 2000, n. 4

Paz: Conceito bíblico

A paz bíblica – desde o Antigo Testamento – é por si só uma sinfonia que necessita de uma acumulação de palavras para poder ser evocada adequadamente. É a harmonia com o nosso ser mais íntimo, e também com Deus, com o próximo, com o ambiente que nos rodeia na terra. É também convívio com os que nos rodeiam: a nossa família, o nosso povo, os povos vizinhos. Articula-se necessariamente com a justiça: "com o direito e a justiça", como diz o profeta Isaías (9,7). Engloba os mais elevados valores éticos, como o diz poeticamente o salmo 85, que é todo ele uma magnífica oração pela paz:

*Amor e fidelidade encontram-se,
Justiça e Paz abraçam-se;
A Fidelidade germinará da terra
e a Justiça inclinar-se-á dos céus.*

(SI 85,11-12)

A humanidade aprende-o constantemente às suas custas: sem um verdadeiro amor pelos nossos semelhantes, sem fidelidade aos nossos compromissos, sem a justiça nas relações com os nossos parceiros sociais e entre as nações, a paz é impossível.

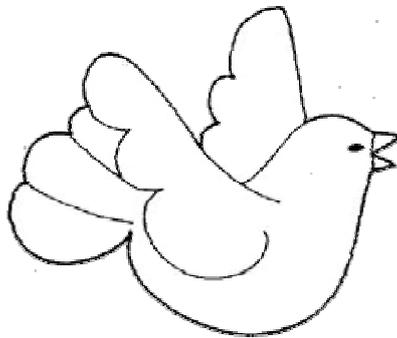
Todas as dimensões da vida humana são abrangidas pelo conceito bíblico da paz: as dimensões sociais, nacionais e internacionais assim como a nossa vida pessoal e as nossas relações familiares. E trata-se de muito mais do que *segurança*. São também necessários o convívio, o diálogo e a cooperação. A inter-relação da paz, da justiça e do ambiente terrestre é sublinhada fortemente, até porque a harmonia com a natureza é reforçada pela fé no Deus Criador, do qual o Livro do Génesis nos assegura que todo o universo lhe presta homenagem: "Deus viu que tudo o que tinha feito era muito bom" (1,31). [...]

Em definitivo, a paz do Antigo Testamento, é a felicidade, não no seu sentido materialista demasiado frequente nos nossos dias, mas como elevador valor da fé que era a do crente autêntico: a de uma vida harmoniosa e livre: sinal da bênção divina para aqueles e aquelas que se esforçam por viver lealmente a sua fé com as suas componentes de oração e de confiança em Deus, de justiça e de solidariedade com o próximo. [...]

A prodigiosa riqueza do conceito de paz do Antigo Testamento é plenamente

te assumida no Novo: o que tem como consequência que a fé cristã deve necessariamente tê-lo como referência, nomeadamente onde este último Testamento não abre vias originais. Somos mesmo convidados por S. Lucas a proceder desta forma no seu Evangelho da Infância: que nos diz essencialmente que a esperança de paz do Antigo Testamento – nomeadamente ao nível das profecias messiânicas do livro de Isaías – vai ser realizada agora com o nascimento de Jesus.

RENÉ COSTE
A Evangelização da Paz, Hoje. Bruxelas:
Pax Christi Internacional, 1994, p.4-6



Paz: Utopia referente

Parece que a definição de paz não terá a ver meramente com que não haja guerra [...]. Isto seria uma concepção muito frágil e de certo modo negativa, uma vez que concebê-la somente como a ausência de guerra seria indicativo de uma cultura de violência. [...] A paz é uma forma de interpretar as relações sociais e uma forma de resolver os conflitos que a própria diversidade que se apresenta na sociedade torna inevitáveis. E quando falamos de conflitos, não nos referimos apenas ao conflito bélico mas também à contraposição de interesses entre pessoas ou grupos ou às diferentes formas de entender o mundo. Referimo-nos ao conflito como um facto natural das relações sociais, pelo que a solução destes conflitos não pode passar pela violência, porquanto estaríamos a assegurar de forma per-

manente uma sociedade violenta. Também os mecanismos de solução estabelecidos pela sociedade não os podem dilatar tanto que estes conflitos derivem em violência ou conflito armado. Portanto a paz seria evidentemente uma ausência de guerra, mas acima de tudo e como estrutura preventiva, a paz seria um estado activo de toda a sociedade em busca de uma sociedade mais justa. Nesta sociedade os mecanismos para resolver os conflitos deveriam ser os próprios das capacidades que a inteligência humana nos permite, como a comunicação, o diálogo e a cooperação. Estas capacidades, consideradas as básicas de uma cultura da paz, deveriam ser aplicadas em todos os âmbitos e estratos da sociedade: na família, na empresa, na política, bem como a nível local e internacional.

Geralmente diz-se que a resolução dos conflitos desta forma é uma utopia. Contra isto há poucos argumentos. É certo que é uma utopia uma vez que não se alcançou e que é difícil fazê-lo de forma generalizada. Mas isto não supõe que tenhamos de continuar a aceitar inevitavelmente uma sociedade violenta, com a qual em princípio, a inteligência humana nos diz que não podemos estar de acordo. Quem diz que é uma utopia, e que não se pode fazer nada, está a aceitar o disparate da violência e a bloquear qualquer tentativa de solução pacífica. E já agora, também poderíamos dizer que é uma utopia pensar que, com uma cultura da violência como a dominante, a humanidade pode progredir e que as gerações futuras receberão como legado os elementos e as condições para um futuro melhor que o nosso, como seria nossa responsabilidade. [...] Apesar de se considerar utópica, a imensa maioria das pessoas considera desejável esta utopia e quer caminhar nesta direcção considerando negativo qualquer passo em sentido contrário. Por isto, a paz também é um ponto de referência para o qual se deve caminhar, e sobretudo responde a um modelo de convivência e desenvolvimento sustentável no futuro. A utopia é um instrumento ao serviço da transformação da sociedade.

JOSÉ PALOS RODRÍGUEZ
Educación y Cultura de la Paz
In <http://www.campus-oei.org/valores/palos1.htm>



A Cultura de Paz

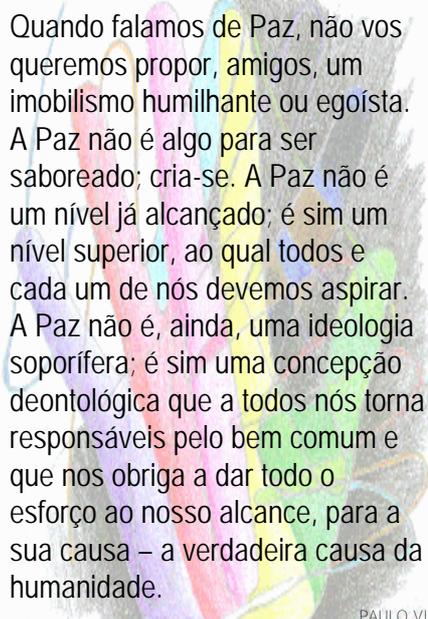
A Cultura de Paz são todos os valores, atitudes e formas de comportamento que reflectem o respeito pela vida, pelos seres humanos e a sua dignidade e por todos os direitos humanos, a rejeição da violência em todas as suas formas e o compromisso com os princípios da liberdade, justiça, solidariedade, tolerância e compreensão entre os povos e entre grupos e indivíduos.

Para tornar possível para nós e para as gerações futuras receber as recompensas desta cultura de paz, podemos actuar aqui e agora.

Devemos:

- incentivar a educação para a paz, os direitos humanos e a democracia, a tolerância e a compreensão internacional;
- proteger e respeitar todos os direitos humanos, sem excepção, e combater todas as formas de discriminação;
- promover os princípios democráticos a todos os níveis da sociedade;
- viver a tolerância e a solidariedade;
- combater a pobreza e assegurar um desenvolvimento endógeno e sustentável para o bem de todos, capaz de proporcionar a todos a qualidade de vida consistente com a dignidade humana;
- proteger e respeitar o nosso meio ambiente.

UNESCO



Quando falamos de Paz, não vos queremos propor, amigos, um imobilismo humilhante ou egoísta. A Paz não é algo para ser saboreado; cria-se. A Paz não é um nível já alcançado; é sim um nível superior, ao qual todos e cada um de nós devemos aspirar. A Paz não é, ainda, uma ideologia soporífera; é sim uma concepção deontológica que a todos nós torna responsáveis pelo bem comum e que nos obriga a dar todo o esforço ao nosso alcance, para a sua causa – a verdadeira causa da humanidade.

PAULO VI

Por uma Cultura de Paz

Para a Pax Christi Internacional, Movimento Católico Internacional pela Paz, instaurar a Paz é um projecto concreto de uma importância capital num mundo em que há numerosas regiões que conhecem tensões, conflitos e violências.

O nacionalismo étnico, a xenofobia, o racismo e a discriminação em relação aos grupos minoritários, o extremismo religioso, as violações dos direitos humanos, provocam cada vez mais conflitos locais ou regionais.

A violência alimentada pelo ódio aos estrangeiros, aos refugiados, aos que pedem asilo e aos trabalhadores emigrantes, ameaça gravemente a segurança interna.

A Pax Christi Internacional intensificou a sua acção em cada um destes domínios. Foram difundidas tomadas de posição escritas e organizadas campanhas relativas a diferentes aspectos da problemática dos refugiados e dos emigrantes, o que permitiu influenciar a política de organismos governamentais e inter-governamentais.

No futuro, o nosso Movimento focará ainda mais as questões do racismo e da discriminação, que estão profundamente enraizadas na cultura da população.

Demasiadas vezes, a religião, e particularmente o nacionalismo religioso, é utilizada para justificar uma política racial e práticas discriminatórias. Uma verdadeira tomada de consciência espiritual e uma religião bem estruturada são instrumentos de primeira importância na procura da Paz.

Devem ser desenvolvidos novos esforços para instaurar uma nova cultura enraizada em profundidade nos espíritos e nos corações das mulheres e dos homens.

Nos próximos anos, a Pax Christi acentuará ainda mais a incorporação na sua acção dos princípios de base contidos no programa da UNESCO "Uma Cultura de Paz".

O Grande Jubileu do Ano 2000 oferece uma oportunidade única para esta temática. [...] Com efeito, devemos consagrar-nos todos a uma acção pacífica tendendo a instaurar esta nova Cultura, baseada na não-violência, na tolerância, na compreensão mútua e na solidariedade. O Mundo tem sede desta Cultura e de uma escala de valores comuns.

Enquanto comunidade humana, sentimos a necessidade urgente de que novos comportamentos sejam adoptados pelos indivíduos, pelos grupos de indivíduos e pelas nações, baseados no respeito mútuo das pessoas, na dignidade igual de todos os povos, nos princípios da justiça e da equidade das relações humanas. Sem isto, nunca conseguiremos pôr fim à guerra e instaurar uma verdadeira paz entre as nações.

PAX CHRISTI INTERNACIONAL
Intervenção na Assembleia Geral da UNESCO,
Novembro de 1999

A paz é possível!

A todos declaro que a paz é possível. Há-de ser implorada como um dom de Deus, mas também, com a sua ajuda, construída dia-a-dia através das obras da justiça e do amor.

Certamente são muitos e complexos os problemas que tornam árduo e tantas vezes desalentador o caminho da paz, mas esta constitui uma exigência profundamente enraizada no coração de cada homem. Por isso, não deve esmorecer a vontade de procurá-la. Na base de tal busca, há-de estar a certeza de que a humanidade, apesar de ferida pelo pecado, pelo ódio e pela violência, é chamada por Deus a formar *uma única família*. Este desígnio divino deve ser reconhecido e secundado, promovendo a busca de relações harmoniosas entre as pessoas e os povos, numa cultura comum de abertura ao Transcendente, de promoção do homem e de respeito pela natureza.

JOÃO PAULO II

Corresponde às gerações presentes a quase impossível tarefa bíblica de “transformar as lanças em arados (Isaías 2,4) e evoluir de um instinto de guerra – forjado desde a origem dos tempos – para uma consciência de paz. Seria o melhor e mais nobre acto que a “aldeia global” poderia realizar. O melhor legado que poderíamos deixar aos nossos descendentes. Com que satisfação e alívio poderíamos olhar nos olhos dos nossos filhos.

FEDERICO MAYOR

Educar para a paz

Princípios

* Educar para a paz supõe ensinar e aprender a resolver os conflitos. O conflito está presente de forma permanente na nossa sociedade como manifestação da diversidade de interesses e cosmovisões. Os conflitos que costumam ter diversidade de causas e argumentações: territoriais, culturais, económicas, sócio-laborais, etc..., tradicionalmente resolvem-se através do uso da força e da imposição da vontade do mais forte. Não há soluções mágicas, mas há mecanismos para resolver os conflitos de forma diferente e que fazem parte da cultura da paz.

* Educar para a paz é uma forma particular de educar para os valores. Quando educamos, consciente ou inconscientemente, estamos a transmitir uma escala de valores. Educar conscientemente para a paz supõe ajudar a construir valores e atitudes determinados, tais como justiça, liberdade, cooperação, respeito, solidariedade, atitude crítica, compromisso, autonomia, diálogo, participação. Ao mesmo tempo, questionam-se os valores que são contrários à paz, como discriminação, intolerância, violência, etnocentrismo, indiferença, conformismo.

* Educar para a paz é uma educação a partir da e para a acção. Não se trata de educar para inibir a iniciativa e o interesse, mas para canalizar a actividade e o espírito combativo para a

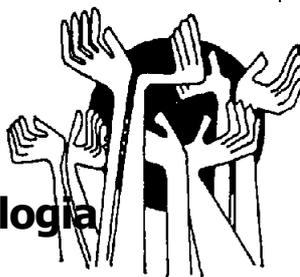
obtenção de resultados úteis à sociedade. Trata-se de participar na construção da paz.

* Educar para a paz é um processo permanente.

* Educar para a paz supõe recuperar a ideia de paz positiva.

* Educar para a paz a partir do curriculum escolar implica dar-lhe uma dimensão transversal de forma que afecte todos os conteúdos de todas as áreas ou disciplinas que se estudam bem como a metodologia e a organização da escola.

JOSE PALOS RODRIGUEZ
Educación y Cultura de la Paz
In <http://www.campus-oei.org/valores/palos1.htm>



Antropologia da paz

A antropologia da paz preconiza um conceito de homem cuja paz seria o valor ético essencial. O que implica como consequência que aquele que fizesse esta opção existencial se esforçaria por vivê-la no seu íntimo (controlando os seus impulsos, os seus sentimentos, os seus pensamentos e as suas decisões) e em todas as suas relações com outrém, mesmo no que se refere à hostilidade de que fosse objecto; que, ainda mais, faria tudo o que dependesse de si para promover a paz na vida em humanidade. Se fosse crente, considerá-la-ia como uma característica essencial da sua relação com Deus.

Não se nasce *homem (ou mulher) de paz*. Tornamo-nos neles. A antropologia da paz apela à educação para a paz, com duas vertentes distintas: a *pedagogia* da paz e a *auto-educação* para a paz.

Quais os pressupostos de uma tal pedagogia? Esta é necessariamente complexa, apesar de estar inscrita na própria dinâmica existencial. Deve ter em vista a aprendizagem dos seguintes valores de humanidade e de gratuidade, que se reclamam mutuamente: amor de Deus e do próximo, abertura a Deus e ao outro, acolhimento, diálogo, cooperação e partilha com o outro, não-violência, perdão, disponibilidade para sofrer ao serviço de Deus e do próximo, harmonia com a natureza, coragem, generosidade.

A pedagogia da paz desemboca normalmente na auto-educação para a paz.

Vendo bem as coisas, tem-se de reconhecer que a paz não é uma questão tanto de *estruturas* como sobretudo de *peessoas*. Sem dúvida que as estruturas e os mecanismos de paz – jurídicos, políticos e económicos – são necessários e muitas vezes felizmente existem; mas constituem apenas o fruto da sabedoria e da experiência acumulada, ao longo da história, pelos *inumeráveis gestos de paz*, realizados por homens e mulheres que souberam esperar, sem nunca ceder ao desânimo. *Gestos de paz* nascem da vida de pessoas que *cultivam constantemente no próprio espírito atitudes de paz*; são fruto da mente e do coração de «obreiros da paz» (cf. Mt 5, 9). *Gestos de paz* são possíveis quando as pessoas *têm em grande apreço a dimensão comunitária da vida*, podendo assim perceber o significado e as consequências que certos acontecimentos têm para a sua própria comunidade e para o mundo inteiro. *Gestos de paz* criam uma tradição e uma cultura de paz.

JOÃO PAULO II

Trata-se de uma auto-educação que deve durar toda a vida, pois as circunstâncias nas quais devemos assumir dinamicamente a paz não deixam de renovar-se.

Final que professamos nós? Por um lado, a construção da personalidade a partir do eixo dinâmico da paz, tal como o definimos (pedagogia e auto-educação). Por outro, a promoção da paz no mundo a partir da irradiação e da acção de homens e mulheres que pessoalizaram a dinâmica da paz no coração da sua existência.

A nossa tese é portanto a seguinte, exprimindo-a em duas vertentes complementares: Não se pode ser um autêntico construtor da paz se não a vivemos intensamente; a promoção da paz pressupõe a promoção da antropologia da paz.

RENE COSTE
A Evangelização da Paz, Hoje. Bruxelas:
Pax Christi Internacional, 1994, p.15-16 (Resumido)

Folha de Actividade N.º 11

SOLIDARIEDADE

OBJECTIVOS

1. Pôr em evidência as desigualdades sócio-económicas a nível mundial;
2. Fazer com que os participantes tomem consciência da desigualdade de recursos e oportunidades no actual sistema económico internacional.
3. Fomentar uma atitude crítica e solidária face à distribuição injusta da riqueza e dos recursos.

DURAÇÃO

Aproximadamente 60 minutos.

MATERIAIS

Como se trata de um banquete, cada participante deverá trazer comida e bebidas como se se tratasse de uma festa: sumos, batatas fritas, sandes, pastéis, bolos,... Se possível, o animador deve encarregar cada participante de trazer um artigo diferente para que haja todo o tipo de comida e de bebidas.

MÉTODO

1. O animador propõe ao grupo a seguinte situação:

Vamos fazer uma festa para a qual estamos todos convidados. Temos de trazer todo o

tipo de comida e de bebidas: sumos, aperitivos, sandes, pastéis, bolos, gelado... e tudo o que quiserem. Neste banquete cada um vai representar um país, mas não sabemos ainda qual será.

O animador toma nota da comida e bebida que cada um vai trazer, distribuída equitativamente. Todos os participantes devem contribuir de forma equiparada para que haja no banquete todo o tipo de comida.

2. Prepara-se a sala para a festa com decoração, música e mesas onde será colocada a comida e as bebidas.

A distribuição da comida e bebidas será feita da seguinte forma:

- * Numa(s) mesa(s), bem identificada(s) com uma placa/toalha... de **cor azul**, haverá toda a variedade de alimentos e bebidas, com doces, bolos, gelados, tartes salgadas, presunto, pastéis, etc. Nesta(s) mesa(s) só se poderão sentar os participantes que tenham recebido um **cartão de cor azul**.
- * Noutra(s) mesa(s), identificada(s) com a **cor verde**, haverá comida mais habitual e menos extraordinária. Serão coisas do quotidiano e pouco comuns numa festa: por exemplo, batatas fritas e sandes simples de queijo. Haverá só um tipo de sumo e só fruta para a sobremesa. Nesta(s) mesa(s) só se poderão sentar

os participantes que tenham recebido um **cartão de cor verde**.

- * Noutra(s) mesa(s), identificadas com a **cor vermelha**, haverá apenas batatas fritas e água. Nada de sobremesas, nem outros alimentos ou bebidas. Nesta(s) mesa(s) só poderão comer os participantes que tenham recebido um **cartão de cor vermelha**.

3. O animador deverá explicar, no início, que o jogo só resulta se todos respeitarem as regras e aceitarem aquilo que lhes calhar.

4. No dia (início) da festa, à entrada da sala, o animador distribui ao acaso um cartão/convite a cada participante. Estes cartões, que cada um deverá usar, bem visível, pendurado ao pescoço, são de três tipos:

- * De **cor azul**: representam os países ricos, como E.U.A., Canadá, Alemanha, França, Inglaterra,... e os que os recebem sentam-se na(s) mesa(s) azuis.
- * De **cor verde**: representam os países em vias de desenvolvimento, tais como Argentina, Coreia, Brasil, México, Egito.... e os que os recebem sentam-se na(s) mesa(s) verdes.
- * De **cor vermelha**: representam os países pobres, da periferia, Haiti, Sudão, Etiópia, Gana, Zimbabué... e os que os recebem sentam-se na(s) mesa(s) vermelhas.

O animador deixa decorrer o banquete durante 10 a 15 minutos, observando as reacções e comportamentos dos participantes. Passado esse tempo, pode então sugerir aos "países ricos" que sejam solidários e convidem os "países pobres".

5. Terminado o banquete, deve realizar-se um debate.

Sugestões de perguntas para o debate:

- * Qual a cor que te calhou no banquete? Que tipo de comida e bebidas tiveste disponíveis?

- * Como te sentiste? Achas que foi uma situação justa?
- * Qual a relação entre esta festa e o actual sistema mundial?
- * Que outras formas de comportamento achas que se deveriam aplicar no "banquete mundial"?
- * Na tua opinião, quais as causas que são responsáveis por esta situação injusta a nível mundial?

